

Disseminação de informações sobre a epidemia de HIV/AIDS para mulheres

Maria Salet Ferreira Novellino

Resumo

O número de casos de Aids no Brasil está crescendo rapidamente no gênero feminino. Entre 1984 e 1991, a principal categoria de risco para as mulheres era o uso de drogas intravenosas, mas desde 1992 a transmissão sexual tem dominado. Enquanto as pessoas classificadas como integrantes de grupos de risco começaram a se cuidar, mulheres que não eram usuárias de drogas intravenosas nem "trabalhadoras sexuais" e para as quais as campanhas de prevenção não eram dirigidas ficaram cada vez mais expostas à contaminação. Neste contexto, o papel do centro de documentação da Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids (ABIA) é disseminar informação correta sobre a epidemia, destruindo mitos e discursos pseudocientíficos, tentando atingir não apenas as organizações voltadas para a saúde da mulher, mas também implementando instrumentos e canais que atinjam toda a população.

Palavras-chave

Aids/Informação; Aids/Informação para mulheres; Centro de documentação /ABIA / Aids / Informação

Trabalho apresentado à Conferência Internacional "Women, Information, and the Future: Collecting and Sharing Resources World-Wide", organizada pela The Arthur and Elizabeth Schlesinger Library on the History of Women in America, Radcliffe College, em Cambridge, Massachusetts, Estados Unidos, de 17 a 20 de junho de 1994.

MULHER & AIDS NO BRASIL

O número de casos de Aids vêm crescendo rapidamente no gênero feminino no Brasil. Em 1984, no começo da epidemia, considerando-se a população brasileira masculina e feminina infectada pelo vírus, a proporção era de 125 homens infectados para uma mulher infectada. Em 1994, a proporção entre os infectados é de quatro homens para uma mulher. Entre 1984 e 1991, a principal categoria de risco para as mulheres era o uso de drogas injetáveis, mas, a partir de 1992, o aumento da transmissão pela via sexual passa a predominar.

Porém, essa forma de transmissão (a heterossexual) só começou a fazer parte do contexto das campanhas oficiais de prevenção tardiamente. Isso porque prevalecia um discurso ideológico que categorizava os indivíduos em membros ou não membros de grupos de risco. Este discurso ainda está presente nas falas "científicas" de alguns profissionais de saúde, ou nos discursos ideológicos formalizados pela Igreja e divulgados pela mídia e por uma gama de serviços e de instituições, os quais têm funcionado como escamoteadores da situação real e atual das mulheres em relação à epidemia do vírus HIV (*Human Immunodeficiency Virus*)/Aids (síndrome da imunodeficiência adquirida), impedindo um alerta maior da população feminina.

Na verdade, essa divisão da população em grupos de risco ou não está ultrapassada. Trabalha-se hoje com o conceito de comportamento de risco. Se o HIV é transmitido sexualmente, então qualquer pessoa sexualmente ativa que não adote como norma o sexo seguro; camisinha, ou sexo sem penetração, vive comportamento de risco.

No início da deflagração da epidemia, era uma espécie de senso comum, em relação à transmissão heterossexual, a assertiva de que não havia possibilidade de o ho-

mem adquirir o HIV em relação sexual com mulheres. Apenas a mulher poderia adquiri-lo em uma relação heterossexual. Essa pseudo-informação, aliada ao discurso ideológico hegemônico que usava o conceito grupo de risco que incluía homossexuais, usuários de drogas, trabalhadores sexuais e excluía mulheres "não promíscuas", foi elemento auxiliar na propagação do vírus. Isso porque os homens de prática majoritariamente heterossexual não cuidaram de se prevenir, nem às suas parceiras. E estas não se sentiam em risco de contrair o vírus.

Hoje, que as mulheres não "promíscuas" começam a se considerar também alvo da epidemia e querem se prevenir, têm de enfrentar a dificuldade de conversar sobre sexo com seu próprio parceiro. Mulheres monogâmicas que admitiam a poligamia de seus maridos viram-se obrigadas, no cenário da epidemia de HIV/Aids, a conversar sobre esse comportamento e passar a negociar o sexo seguro. Decorrendo dessa negociação, o levantamento de uma série de questões: fidelidade, sexualidade, prazer etc., temas de difícil discussão entre os casais.

A transmissão heterossexual é hoje o modo dominante de disseminação do HIV no mundo. Conseqüentemente, o número de mulheres infectadas aumentará a cada dia, o que não implica apenas aumento da doença e morte desse gênero, mas impactos de ordem psicológica, social e econômica.

1) Impacto psicológico

A função reprodutiva da mulher é um componente marcante em sua personalidade, por seu próprio desejo ou por imposição social, a qual será barbaramente afetada pela transmissão perinatal. A maternidade passa então a representar não mais o prolongamento da sua vida por meio do nascimento, mas a perpetuação da doença.

2) Impacto social

Em nível micro, o impacto social se fará sentir na desestruturação familiar. Os pais, em geral, tomam conhecimento de sua doença por intermédio dos filhos, quando estes começam a apresentar sintomas. Na maior parte dos casos, os pais morrem primeiro e as mães tentam se manter vivas para cuidar dos filhos, lutando contra a morte até o falecimento da criança. Quando tal não ocorre, os avós (principalmente as avós e raramente os avôs) se vêem obrigados a cuidar das crianças doentes ou das que não contraíram o vírus, lutando não só para sustentá-las, mas para integrá-las socialmente.

A socialização das crianças tem início na escola, a qual não está preparada para receber aquelas portadoras do vírus, que são discriminadas pelas outras crianças, seus pais, professores e funcionários.

3) Impacto econômico

A mulher trabalhadora representa hoje 35,1% da população economicamente ativa brasileira. Em uma sociedade discriminatória, em que a força de trabalho feminina é preterida em benefício da masculina, como será a resposta do empregador a uma mulher sujeita à infecções que a impedirão de comparecer ao trabalho por alguns dias ou semanas e que terá de faltar para cuidar de seus familiares doentes?

A ABIA

A Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids (Abia) é uma organização não governamental (ONG) fundada em 1986, cuja finalidade é promover a educação e a informação para a prevenção e controle da epidemia de HIV/Aids.

Sem fins lucrativos, sem vinculação político-partidárias, religiosas ou assistenciais, a Abia desenvolve um amplo conjunto de programas de informação, educação e prevenção, além de produzir análises do desenvolvimento da epidemia em nosso país. Tem também como objetivo o monitoramento crítico das políticas públicas de saúde para a Aids, a luta contra a discriminação e o preconceito e o estímulo à solidariedade enquanto método de enfrentamento da epidemia em todas as suas dimensões, em uma permanente defesa dos direitos humanos.

A ABIA NO CONTEXTO DA MULHER E AIDS

Especialmente nas áreas de mulher e Aids e políticas públicas e com o apoio da Fundação Ford, foi desenvolvido o Projeto Aids, Saúde Reprodutiva e Políticas Públicas. Programado para ser implementado em 1993/94, ele articula três grandes temas relacionados à saúde no país: Aids, saúde reprodutiva e políticas públicas. Esse projeto está estruturado em três componentes:

- 1) análise das políticas públicas frente à Aids e à saúde reprodutiva;
- 2) organização de uma coleção de documentos específicos e treinamentos;
- 3) produção de publicações.

O projeto integra o esforço da Abia de disseminar informações precisas e de definir estratégias de comunicação efetivas para o desenvolvimento de atividades de prevenção frente à epidemia de HIV/Aids.

Com atividades que incluem seminários, treinamentos, publicações de livros e boletins, o projeto, seguindo a linha de atuação da Abia, pretende contribuir para o desenvolvimento de análises críticas das políticas públicas de saúde e para o desenvolvimento de programas de colaboração e cooperação com as diversas instituições da sociedade brasileira: as ONGs/Aids e as entidades que trabalham com questões relacionadas à saúde da mulher.

O CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DA ABIA

O Centro de Documentação é, no tocante a informações sobre a epidemia, um dos principais centros de referência do país. Suas funções são captar e analisar informações sobre a epidemia de HIV/Aids e temas correlatos, organizá-las e disseminá-las entre indivíduos e instituições no Brasil e também no exterior.

Captação e análise de informações sobre a epidemia

Significa o acompanhamento da evolução da epidemia e das respostas apresentadas pela ciência, pelo governo e pela comunidade para enfrentá-la, tendo como parâmetro a política, objetivos e ações institucionais.

Essas informações seletivamente captadas formam um acervo composto por documentos produzidos por várias instituições do país e do exterior, pretendendo-se, com isso, armazenar:

- cartilhas, *folders*, cartazes e vídeos utilizados em campanhas de prevenção de vários lugares do mundo, de maneira a oferecer uma visão histórica, regional e cultural dessas campanhas;
- teses e dissertações que permitam o acompanhamento do estado-da-arte da pesquisa acadêmica;
- periódicos e boletins nacionais e estrangeiros que ofereçam informações mais densas ou mais simplificadas, compondo-se tanto de periódicos que expressem a produção científica, quanto daqueles boletins voltados para informar o soroposito, sua família e demais interessados sobre as infecções oportunistas, tratamento, pesquisa por medicamentos e vacinas, direitos humanos etc;
- boletins epidemiológicos nacionais e locais;
- recortes de jornais com informações mais atualizadas;
- vídeos educativos, documentários ou de ficção;
- CDs com informações científicas e epidemiológicas;

Organização da informação

Como não havia tesouro disponível especializado em Aids, foi necessária a elaboração de um, que está sendo feito indutivamente, isto é, à medida que os documentos vão sendo indexados. A importância de um tesouro se faz sentir não apenas na indexação da informação, mas também na sua recuperação.

O sistema que usamos é o MicroISIS, que foi selecionado por questões econômicas e por oferecer um formato de compatibilização, porque é o mais usado pelos centros de documentação e bibliotecas brasileiros e latino-americanos.

Considerando o acervo e o *software*, foram criados catálogos e bancos de dados bibliográficos (contendo representações do acervo), e factuais (um contendo dados sobre organizações/instituições e outro arrolando termos e suas definições-dicionário).

Disseminação da informação

A disseminação da informação não é apenas a divulgação de dados, atividades e análises atendendo a demandas. A disseminação implica o estabelecimento de estratégias de ação que levem a informação a quem dela necessita, mesmo que disso não tenha consciência, tentando reduzir o nível de ignorância e de pseudoconhecimento, que geram comportamentos de risco e discriminação.

As estratégias de ação têm como objetivo alcançar pessoas por intermédio de organizações, serviços e de lideranças, que são os usuários-alvo do centro de documentação.

Os usuários-alvo da Abia são aqueles que, externos à organização, vão atuar no combate à epidemia e na sua análise, desenvolvimento atividades e pesquisas e também formando opiniões. Eles podem explicitar suas demandas, buscando o centro para subsidiar tomadas de decisões ou para ampliar seus conhecimentos. Ou podem ser indivíduos ou organizações-chave que devem ser sensibilizadas e informadas a respeito da epidemia e de questões a ela inerentes ou dela decorrentes. Eles são, além do próprio pessoal da Abia, pessoas com HIV/Aids, estudantes de primeiro e segundo graus, universitários, mestrandos e doutorandos, jornalistas, profissionais e pesquisadores das áreas sociais, da saúde e da comunicação, instituições e organizações, tais como serviços médicos e assistenciais do Estado, clínicas particulares, empresas, sindicatos, ONGs, associações comunitárias, instituições de ensino e pesquisa, imprensa e outros centros de documentação.

Dissemination of Information for women about the HIV/Aids epidemic

Abstract

The number of Aids cases in Brazil is growing rapidly in the female gender. Between 1984 and 1991, the main risk category for the women was the use of IV drugs, but since 1992 the sexual transmission has dominated. While the people classified as "risk groups" began to take care of themselves, women who were neither IV drug users nor were sex workers and to whom the prevention campaigns were not directed to, became more exposed to contamination. In this context, the role of the documentation center of the Brazilian Interdisciplinary Aids Association (ABIA) is to disseminate accurate information about the epidemic, destroying myths and the pseudo-scientific discourse, trying to reach not only the organizations concerned about women's health but also implementing instruments and channels which reach the whole population.

Keywords

Aids/Information; Aids/Information for women; Documentation center/Aids/Information /Brazil

A disseminação da informação se dá de várias maneiras:

- 1) respondendo a demandas explicitadas por usuários e organizações que procuram o centro;
- 2) mediante a criação de instrumentos que divulguem o acervo do centro: índices e bibliografias;
- 3) com o estabelecimento de intercâmbio com outras organizações/instituições do país e do exterior de interesses e necessidades de informação similares e complementares, visando também a ampliar o acesso do centro a informações;
- 4) com a participação em redes de informação;
- 5) com a colaboração em publicações de outras instituições;
- 6) com a colaboração com a mídia;
- 7) por meio de conferências eletrônicas;
- 8) por meio do atendimento a visitantes brasileiros e estrangeiros pesquisadores e jornalistas que não buscam informação bibliográfica, mas um informe oral sobre a situação da epidemia e sobre os objetivos, planos e ações da Abia;
- 9) com a distribuição de material produzido pela própria Abia;
- 10) mediante o treinamento de multiplicadores de informação sobre a epidemia de HIV/Aids.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As campanhas do governo de prevenção à Aids voltavam-se, no seu início, para os chamados grupos de risco. Uma vez que as mulheres "não promíscuas" (conceito bastante duvidoso) não estavam incluídas, foram deixadas de lado como possíveis receptoras e transmissoras do vírus. Isso levou muitas delas, por ignorância, a se contaminarem. Mesmo hoje quando as campanhas do governo adotam uma linguagem mais moderna, essas campanhas são mais dirigidas para os jovens, deixando de atingir uma faixa etária mais velha, como se as mulheres maduras não tivessem vida sexual ativa e de risco. Além disso, as organizações feministas têm custado a assumir um papel ativo na luta contra a epidemia.

Nesse contexto, o trabalho de disseminação da informação sobre a epidemia desenvolvido no Centro de Documentação da ABIA tem como objetivo alertar a população sobre o perfil atual da epidemia, apresentar formas de enfrentamento mediante articulação com organizações voltadas para a saúde da mulher, profissionais de saúde e demais indivíduos ou grupos. Utiliza, para isso tanto instrumentos 3 canais próprios aos centros de documentação, como também procura ocupar espaços convencionais e mais abrangentes de comunicação como jornais e periódicos.

Relato de experiência aceito para publicação em 7 de julho de 1994.

Maria Salet Ferreira Novellino

Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Coordenadora do Centro de Documentação da Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids (ABIA), Rio de Janeiro, RJ.